
Desaparecidos, mortos e sequestrados. O futebol e o drama de torcedores, soldados e bebês durante a ditadura do Processo¹

Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo²

Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ Universidade Cândido Mendes

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo estabelecer reflexões sobre tristes episódios ocorridos durante a ditadura argentina do Processo (1976/1983) envolvendo desaparecidos políticos, sequestro de bebês e soldados que lutaram na Guerra das Malvinas. A partir de diferentes fontes literárias e jornalísticas que tem o futebol como pano de fundo é possível provocar um acionamento da memória de acontecimentos dramáticos que envolveram a sociedade argentina durante esse trágico período.

Palavras-chave: Memória; Futebol; Ditadura, crimes humanitários.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio busca efetivamente estabelecer reflexões sobre situações trágicas vividas por jovens argentinos durante o período da sangrenta ditadura militar de 1976 até 1983, conhecida como “Processo”, e suas possíveis conexões com a paixão pelo futebol.

Inspirado na leitura de duas obras literárias, além de um pequeno levantamento de fontes sobre a Copa do Mundo de 1982, trata-se de um ensaio lúdico que mescla análise literária e histórica sobre dramáticos acontecimentos que ocorreram durante o período.

Mesmo tendo estudado o período e mais especificamente a Copa do Mundo de 1978 realizada na Argentina que foi o tema da minha tese de doutorado defendida em 2016³, o surgimento de novas referências me levaram a escrever diferentes posts e artigos nos últimos anos. O presente ensaio acadêmico é uma compilação de três diferentes posts estruturados de forma original em torno da questão da Memória dos horrores do “Processo”.

Primeiramente será abordado a questão dos desaparecidos políticos a partir da perspectiva do sociólogo, cientista político e torcedor do tradicional Racing Club de Avellaneda, Julián Scher. “Los Desaparecidos de Racing” é uma obra densa e muito bem

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em História pelo PPGHC/UFRJ e Mestre PPGCOM/UERJ

³ A tese foi publicada em 2018 com o título “Argentina 78, uma Copa do Mundo Política, Popular e Polêmica.

escrita que narra a trajetória de 11 torcedores fanáticos do clube que se envolveram com a militância política e acabaram desaparecendo durante a ditadura argentina.

Na segunda parte do texto apresentarei um livro ficcional “Dos veces Junio” que articula de forma muito interessante as contradições do regime ditatorial e os paradoxos vividos pelos personagens em relação aos seus sentimentos e paixões como o próprio futebol. Esse esporte e as Copas do Mundo de 1978 e 1982 servem como pano de fundo para um trágico roteiro sobre um tema que foi uma das maiores violências humanitárias do regime: “o sequestro de bebês”.

Na última parte será abordada a trágica Guerra das Malvinas que ocorreu as vésperas da participação do selecionado argentino na Copa do Mundo da Espanha a partir da análise de fontes da revista El Gráfico e Clarín e de bibliografia especializada sobre o tema.

Assim sendo, o principal objetivo deste ensaio é estimular o acionamento da Memória de assuntos dramáticos que ocorreram durante a ditadura militar argentina a partir de diferentes fontes e olhares.

A) Los Desaparecidos de Racing. Um registro histórico de paixão e resistência

A questão da Memória dos desaparecidos políticos durante os regimes militares no Cone Sul é muito mais investigada e registrada por pesquisadores argentinos do que brasileiros independentemente da gravidade do tema em ambos os países.

Desde o final do famigerado regime do “Processo” (1976-1983), as Comissões de Direitos Humanos no país lutam por Justiça e a condenação dos envolvidos nos crimes contra os militantes políticos, apoiados por movimentos da sociedade civil como as “Madres de Mayo”⁴ que surgiu de forma corajosa no auge da repressão do regime e cuja notoriedade e representação simbólica transcendem a esfera política argentina. O drama de mães, avós, irmãs, filhas, vem comovendo as pessoas minimamente sensíveis desde o final dos anos setenta apesar de terem sido chamadas de “Loucas” pelos defensores da ditadura no país.

⁴ Segundo Novaro (2011), as mães começaram a se reunir na Plaza de Mayo em abril de 1977, espontaneamente desafiando a polícia e as autoridades para obter informações junto ao Ministério do Interior de parentes que estavam desaparecidos. O número de integrantes foi rapidamente crescendo, apesar da repressão e do sequestro do seu núcleo fundador, inclusive da presidente Azucena Villaflor de Vicenti e duas religiosas francesas no final de 1977.

No campo futebolístico é possível verificar também essa presença/resistência. Pude perceber na maioria dos estádios argentinos que conheci, grafites nos muros, bandeiras e homenagens com faixas à desaparecidos políticos em diversas situações. Destaco belas pinturas no Estádio Ilhas Malvinas do All Boys que exaltam os sócios torcedores que sumiram pela barbaridade do regime militar no país. Outra homenagem muito bacana foi realizada recentemente pelo Club Banfield que criou a modalidade de título para sócio detido-desaparecido resgatando a história de onze sócios do clube que sumiram durante o nebuloso período⁵.

No livro “Los Desaparecidos de Racing” muito bem escrito pelo sociólogo, cientista político e torcedor do tradicional Racing Club de Avellaneda, Julián Scher, o autor descreve a vida de 11 torcedores da “Academia”⁶ que se envolveram com distintos grupos de resistência (FREJULI, JUP, GOR, PRT, etc) em diferentes períodos ditatoriais no país, apresentando minibiografias que tem como eixos principais: trajetória familiar, envolvimento pessoal com a militância e a paixão pelo Racing Club.

Acá lo que hay es simple: 11 textos de 11 hinchas de Racing construídos a partir de los testimonios de quienes fueron testigos de sus andanzas dentro y fuera de las canchas de fútbol y militância. (SCHER:2017, P.13)

Alejandro Almeida, Diego Beigbear, Jorge Cafatti, Álvaro Cárdenas, Jacobo Chester, Dante Guede, Gustavo Juárez, Alberto Krug, Osvaldo Maciel, Roberto Santoro e Miguel Scarpato formam uma equipe de corajosos militantes de distintos movimentos de resistência, com diferentes origens sociais apesar de muitos serem de famílias operárias alinhadas com o Peronismo, e que exerciam diferentes profissões: jornalista, advogado, poeta, bancário, etc.

Todas as histórias pessoais são relatadas com uma riqueza de detalhes biográficos (ethos), com uma seriedade acadêmica ao descrever as diferentes conjunturas históricas políticas (logos) e com uma paixão cativante de torcedor (Pathos). A importância do Racing Club para a vida de cada um dos membros do escrete é demonstrada com habilidade e emoção pelo autor, bem como o envolvimento dos desaparecidos com a luta pela liberdade e os direitos civis na Argentina.

⁵ Ver <https://notasperiodismopopular.com.ar/2019/10/04/banfield-11-memoria/>

⁶ “Academia” é como o Racing Club é popularmente conhecido na Argentina.

O mitológico Estádio Presidente Perón mais conhecido como El Cilindro é um local de Memória fundamental e simbólico nas trajetórias de vida dos onze torcedores/militantes. Alberto Krugger por exemplo, mesmo sendo perseguido politicamente continuava frequentando o estádio para poder também rever companheiros queridos.

Ni siquiera la comprobación cotidiana del apetito asesino del enemigo logró que Alberto dejara de pensar en Racing. Tan cierto es que el andar de Academia distaba mucho del pasado de gloria como que Alberto encontraba en las idas ao Cilindro um atajo a la felicidad. La forma para acordar la cita con los suyos era infalible. Un llamado a Rosa para saludar y un aviso entre líneas para que Carlos y Frederico supieran que el domingo él iba estar en la popular, en el lugar de siempre aguardando por ellos. Como las oportunidades para encontrarse escaseaban, la cancha funcionaba como um segundo hogar, como un espacio propio que quedaba fuera de la órbita del poder genocida. (SCHER:2017, P.226)

Além do estádio, ao longo do livro também é feito um acionamento da memória de partidas emblemáticas, dos títulos conquistados como o primeiro Intercontinental de Clubes de uma equipe argentina diante do Celtic da Escócia em 1967 em uma terceira partida no Estádio Centenário e de importantes jogadores que marcaram tanto a História do clube, quanto dos torcedores desaparecidos. Um jogador brasileiro falecido em 2020 aparece como grande artilheiro e ídolo de um dos “hinchas” em um dos relatos:

Todo hincha reconoce que hay partidos que no se olvidan. El 4 de mayo de 1969, Álvaro fue a la cancha como de costumbre, com su papá, com su hermano más chico y com sus amigos. El equipo de José ya integraba el pasado memorable pero em Racing jugaba un tipo que no necesitó ganar campeonato para ser un emblema. Walter Machado da Silva, nacido en 2 de Enero de 1940 en Ribeirão Preto, cerca de São Paulo, había llegado desde Flamengo con la promesa de hacer goles. Y cumplió. De hecho, en el Metropolitano de 1969 convirtió 14 tantos y fue el máximo goleador del torneo. Fue el primer y único brasileiro en la historia del fútbol argentino en conseguirlo. Y al Alvaro lo cautivó de entrada la elegancia de ese delantero infernal que lograba suspenderse en el aire como si la gravedad no o empujara a bajar (SCHER, 112)

A reverência ao atacante Silva, o Batuta, um goleador nato, um nômade do futebol brasileiro e sul-americano, uma grande figura humana que trabalhava como funcionário do clube do Flamengo foi confirmada na ocasião do falecimento do atleta com homenagem prestada pelas redes sociais do Racing ao ex-jogador brasileiro.

A história dos desaparecidos do Racing comprova que àqueles que ainda acreditam que a paixão pelo futebol e o engajamento político não podem se misturar, que

o Esporte deve ser um campo neutro, isento de posicionamentos políticos e ideológicos estão completamente equivocados.

Os Desaparecidos do Racing conta as trajetórias pessoais de 11 torcedores/militantes, apaixonados por um clube de futebol: cores, estádio, ídolos, hino e todos os símbolos clubísticos. Essa equipe que se envolve também emocionalmente com a causa de lutar contra regimes autoritários e uma sociedade mais justa quebra paradigmas preconceituosos que ainda existem tanto nos meios acadêmicos, quanto entre jornalistas e torcedores comuns de que Esporte e Política tem que estar separados. A paixão por um clube ou um esporte não cega um cidadão consciente com relação a sua postura enquanto animal político.

Um belo livro, muito bem escrito que emociona torcedores/cidadãos e que ajuda a compreender tanto a história de períodos nebulosos da política argentina, quanto a paixão por uma equipe de futebol. Um registro sério de um acadêmico apaixonado pela “Academia” do futebol argentino e consciente dos tempos sombrios que vivia o país.



Figura 1 Alvaro Cárdenas

B) Duas vezes Junho, duas Copas do Mundo, duas ditaduras brutais.

Na obra de ficção do escritor argentino Martín Kohan “Dos veces Junio”, a memória de duas copas do mundo se relaciona com uma das ditaduras mais sangrentas da América Latina em momentos distintos.

A maior parte do enredo acontece em junho de 1978, quando o personagem principal e narrador da história, um jovem recruta das Forças Armadas argentinas procura se adaptar a função mesmo sem demonstrar muito entusiasmo pela instituição.

O rapaz acaba se envolvendo profissionalmente, mas também afetivamente com um importante médico militar, o Doutor Messiano, estabelecendo um certo vínculo de amizade com seu superior, pois acaba sendo escalado para ser o motorista dele e passa a conviver regularmente com o senhor e sua família.

A história começa com uma simples frase escrita em um caderno de notas em cima de uma mesinha na caserna: “A partir de que idade pode-se começar a torturar um menino”.

A partir daí a trama se desenvolve nos porões da ditadura argentina abordando de forma bem contundente, apesar da frieza do discurso do narrador ao relatar os fatos, um dos temas mais trágicos do período do terror que foi o sequestro de bebês das prisioneiras consideradas subversivas.

O caráter macabro da pergunta provoca uma imersão em um universo militar sombrio e irracional no qual a violência e a burocracia predominam no processo de tomada de decisões.

Paralelamente a descrição das diligências de soldados, prisioneiros e alojamentos que remetem ao horror dos centros de detenção semelhantes à famosa ESMA (Escola Superior de Mecânica Armada), o ambiente da realização da Copa do mundo aparece como pano de fundo de uma história surreal onde a catarse da paixão pelo futebol me parece um elemento acessório à trama que acentua a brutalidade da cegueira coletiva com relação às atrocidades cometidas com os prisioneiros. Dentre elas uma das mais torpes que é a negação da maternidade para satisfazer desejos de famílias abastadas e protegidas pelo regime.

Um dos capítulos mais interessantes nessa perspectiva é quando o jovem soldado/motorista tem que procurar seu superior no estádio Monumental de Nuñez durante a terceira partida da seleção argentina no torneio contra a Itália, justamente quando sofreu sua única derrota no torneio. Acredito que a escolha do autor não foi por

acaso, pois a descrição da saída dos torcedores do estádio para mim espelha simbolicamente o triste momento histórico vivido pelo país por tantos se calarem contra os milhares de presos, torturados e desaparecidos. A metáfora do silêncio dos torcedores argentinos após uma derrota do selecionado nacional parece se estender para toda Nação como uma crítica a passividade de muita gente diante do autoritarismo de um regime que promovia uma festa esportiva.

En filas desaparejas se desconcentró la multitud callada. Era una larga procesión de cabizbajos, que no mostraban llanto por no ceder el gesto del que es bien hombre, pero que tampoco hablaban ni levantaban la vista. Se oía tan sólo el rasgado del andar sobre el pavimento o sobre las baldosas de las veredas, porque los pies tampoco los levantaba nadie, y al arrastrarlos se arrastraban los papeles rotos, la mugre general de los días de partido, los pedazos de cualquier cosa.

No había semblante en que faltara la pesadumbre, En el desfile continuo de las caras sin sosiego se veía la tristeza multiplicarse por milles, Yo iba viendo, también callado, la manera em que pasavan incessantes los desconsolados: tanta gente, tantos milles y nadie tenía palabra alguna que decir. (KOHAN:2016, p.74)

No segundo junho quando ocorre o desfecho da obra, a narrativa é passada em outra conjuntura pessoal do narrador, e da própria ditadura argentina e o paralelo é feito com outra Copa do mundo de futebol.

O jovem não era mais militar e havia ingressado na faculdade de Medicina de certa forma como um desdobramento da sua relação pessoal com o Doutor Messiano, com quem se encontra depois de muitos anos para fazer uma visita de pêsames no dia em que está acontecendo uma nova partida da seleção contra a Itália.

A ditadura argentina do Processo caminhava para seu fim. Estava claudicante. Leopoldo Galtieri havia renunciado após a trágica derrota nas Guerras das Malvinas que deixou centenas de jovens argentinos mortos e o sentimento patriótico destruído.

Na Copa da Espanha, a então campeã do mundo com a grande estrela que havia se transferido para o Barcelona “El Pibe Maradona” não consegue demonstrar um bom futebol e acaba eliminada na segunda fase justamente após ser derrotada pela Itália e o Brasil.

En la radio emplean la palabra milagro. Los analista coinciden en juzgar a Brasil como el candidato por excelência a obtener el campeonato. Consideran por tanto, que las chances de que la Argentina pueda derrotarlo en el próximo partido son muy pocas, para no decir nulas. (KOHAN:2016, P.184)

Neste sentido o futebol argentino não aparece também como esperança, mas sim como símbolo de derrota de um país que está esfacelado por uma guerra absurda ocorrida pelo destempero e desespero de uma ditadura falida.

Assim sendo, “Dos veces Junio” é um livro muito interessante que aborda através de uma complexa construção literária, intercalando passagens sombrias de uma história de roubo de bebê pelo Estado com uma genuína paixão pelo futebol do povo argentino um triste período da história do país que esperamos que não se repita nunca mais nem lá e nem aqui.



Figura 2 Capa de *Dos Veces Junio*

C) Malvinas, entre a guerra real e a estreia no Mundial da Espanha

As vésperas da Copa do Mundo de 1982 realizada na Espanha a cobertura da seleção argentina campeã do mundo que realizaria o jogo de abertura contra a Bélgica estava ofuscada por uma guerra real, batalhas militares e não metafóricas disputas futebolísticas, a defesa de uma nação com armas e não poeticamente com gols.

Diferentemente do que ocorreu durante o mundial anterior com o torneio realizado no país, o grande mecanismo operador de nacionalidade naquela conjuntura era a luta pela afirmação da soberania nas ilhas Malvinas.

Segundo a antropóloga Rosana Guber (2012), as mobilizações populares em torno da guerra contra os ingleses pelo domínio das ilhas se assemelharam as manifestações nacionalistas ocorridas durante a realização do torneio na Argentina em 1978.

Obviamente diferia del cuadro del 30 de marzo y se asemejaba, más bien, a los festejos de la coronación argentina en el Mundial de Fútbol de 1978. Los asistentes se reunían espontáneamente o marchaban desde las cercanías a sitios públicos, monumentos y demás lugares simbólicos, transeúntes, familias, compañeros de trabajo, grupos de amigos y estudiantes (Clarín, 3/4/82; La Nación, 8/05/82) blandían banderitas argentinas de plástico que vendían los “cuentrapropistas”

sector que habia crecido en esos años. Los acompañaban automovilistas y tocando bocinas y cantando “Argentina! A diferencia de otros tiempos, a celebración promovida por el gobierno denotaba la falta de peligro, vigilancia y confrontación. No había enemigos a la vista”entre nosotros”. (2012, p.47)

A guerra declarada pela ditadura militar comandada por Leopoldo Galtieri teria sido um elemento de unificação nacional durante os 74 dias sendo considerada em um primeiro momento segundo Guber uma “guerra justa” por grande parte da população. Entretanto com a humilhante derrota e a morte de cerca de 750 jovens soldados após o conflito a guerra passou a ser vista como absurda por boa parte dos argentinos.

No caso das reportagens sobre o conflito bélico teria ocorrido a manipulação constante de informações e estratégias de deturpação dos próprios fatos históricos a partir de duvidosas fontes. Segundo Ulanovsky (2011):

El 2 de abril de 1982 los argentinos tuvieron la triste oportunidad de leer en sus diarios unos titulares increíbles: “ Tropas argentinas desembarcan en Malvinas” informaba, por ejemplo, *Clarín*. Lo que sucedió a partir de esa instancia – que no concluye con la finalización de las acciones bélicas- se corresponde con uno de los momentos más horribles del país y del periodismo local durante el siglo. (2011, p.130)

Pode-se perceber que mesmo na Revista El Gráfico, dedicada exclusivamente aos esportes e com uma cobertura direcionada para o Mundial da Espanha além de outras modalidades, a preocupação com a guerra das Malvinas está presente de forma implícita. O editorial do N.3270 por exemplo que possui o seguinte lema “Cada un en lo suyo defendiendo lo nuestro” apresenta a equipe de jornalistas da seguinte forma:

Algo más que un slogan.
Una tomada de conciencia. Un compromiso. La responsabilidad de dar lo mejor de nosotros mismo en el trabajo cotidiano. Allí donde el deber lo imponga. Y con las armas de todos los días. Porque una herramienta también es un fusil. Como lo puede llegar a ser la raqueta de Vilas debatiéndose en Roland Garros frente a la juventud de un fenómeno que surge o un volante girando a todo vértigo en el Grande Premio “Islas Malvinas” que supimos compartir con diez solidários pilotos de Latinoamérica. Un arma también es una máquina de escribir, una cámara fotográfica, un grabador, una línea de telex y la opinión comprometida de una revista deportiva. Por eso EL GRÁFICO asumió el compromiso de estar allí, donde la nota lo requiere y los lectores lo esperan. En la habitación de Miami donde Palma ve los guantes esperando su próxima pelea para defender su condición de monarca del mundo. En las canchas de Ferro y Quilmes, donde se jugaron las vibrantes alternativas de los primeros partidos por las semifinales del Campeonato Nacional. Y especialmente en España 82 con el 12 Campeonato Mundial de fútbol para estar junto al seleccionado

argentino que espera el momento de inaugurarlo. Hasta allí llegamos con nuestro equipo dispuesto también a jugarse el Mundial. (*EL GRÁFICO*, N.3270 – 08/06/1982, P.3)

As diversas alusões à metáforas bélicas como “uma ferramenta também é um fuzil” ou “uma arma também é uma máquina de escrever, um gravador, uma câmara fotográfica, etc” denotam o a atmosfera pesada da guerra e o envolvimento que os jornalistas da revista e o próprio país estavam com o conflito armado.

A ideia de defesa da pátria nos gramados desta vez se limita a esfera esportiva antes do início da Copa, visto que a realidade se materializava de forma concreta com os confrontos e as mortes de jovens argentinos no pacífico sul. As corriqueiras metáforas do futebol como guerra ou espelho da nação sucumbem à brutalidade da batalha real, mas continuam tendo certa ressonância no discurso apresentado pela revista.

Porém apesar do editorial da edição supracitada proliferar referências à luta armada, paradoxalmente a mensagem direcionada a seleção nacional “de todos los “hinchas” argentinos” contidos na última página do mesmo número remete a honra, orgulho dos argentinos e a paz:

- Para que recuerden a cada instante, que ustedes son Argentina, a cada instante, siempre en la cancha y fuera de ella.
- Para que comprendan que el privilegio de vestir esta camisa exige responsabilidad, disciplina, respeto por los compañeros, por los rivales y por lo público.
- Para que el sentimiento de orgullo, amor próprio y verguenza no desaparezca en ningún caso de sus almas.
- Para que sepan que millones de niños están viendo en ustedes un modelo a seguir.
- Para que los ojos del mundo que los observan sepan que son hijos de un pueblo que ama la paz.
- Para que la habilidad y el talento sigan siendo los fundamentos del éxito.
- Para que mucho más allá del superprofesionalismo impere en ustedes la lealtad y el juego limpio.
- Para que haya un solo perdedor: la violencia.
- Para que llegue hasta vuestros oídos aquel sonido incomparable de aliento que llenó las inevitables jornadas de Rosario Central y River Plate.
- Para que ganen aun perdiendo.
- Para que sigan siendo campeones mundiales y en regreso encuentren un cielo en paz (*EL GRÁFICO*: N. 3270-08/06/1982, P.90)

A preocupação com a conduta da equipe, o comportamento civilizado e o “fair play” parecem remeter a imagem do país no exterior através da seleção de futebol. O fato do conflito nas Malvinas estar se encaminhando para o seu desfecho talvez tenha

influenciado também o teor desta mensagem que termina clamando por um retorno vitorioso de uma equipe em uma Argentina que não esteja mais em guerra.

A ideia de que os argentinos não devem perder seu orgulho próprio em nenhuma circunstância, que são pacíficos e que a violência deve ser a grande perdedora, pode ser interpretada como uma mensagem pacífica, mas que também tem um conteúdo nacionalista dentro do contexto político em que se encontrava o país.

A seleção argentina estreou sendo derrotada no Estádio Camp Nou pela Bélgica no dia 13 de junho, porém a mais dolorosa derrota para o povo argentino que abalaria definitivamente as estruturas do processo foi a rendição das tropas um dia depois que provocaria também a saída do ditador argentino com a população aos berros “ Leopoldo borracho, mataste los muchachos”.

Considerações possíveis

No presente ensaio o drama vivido por milhares de argentinos em função das atrocidades ocorridas durante a ditadura militar do “Processo” é exposto a partir de três olhares distintos em diferentes veículos literários e de comunicação.

Desaparecidos, bebês e soldados sofreram na pele os horrores de um dos períodos mais abomináveis da História contemporânea latino-americana. Torcedores apaixonados sequestrados, soldados envolvidos em uma guerra completamente estúpida e irracional que servia apenas para alimentar a tentativa de continuidade de um regime ditatorial arbitrário e bebês, novas vidas, desamparadas sendo furtadas de suas verdadeiras famílias progressistas e sendo entregues para defensores de valores conservadores e práticas ilegais.

O drama real de vidas destroçadas com o pano de fundo da paixão e do espetáculo futebolístico nos possibilita refletir sobre os múltiplos sentidos que o esporte pode ter nas diferentes conjunturas históricas. De suposto ópio do povo a possível forma de resistência, os múltiplos sentidos atribuídos ao futebol fazem com que ele esteja presente no cotidiano dos apaixonados por esse esporte tanto nos momentos de alegria, quanto nos de tristeza.

Assim sendo, estabelecer reflexões neste ensaio sobre tragédias humanitárias e a paixão pelo futebol pode parecer algo paradoxal, mas reflete a dualidade da existência. Vida e Morte, Vitória e Derrota, Sangue e Suor, Paixão e Ódio são opostos que estão presentes tanto na Humanidade quanto nos campos de futebol.

Referências bibliográficas

- CABO, Alvaro Vicente G. Truppel P. Cabo. **Argentina /78. Uma Copa do Mundo Política, Popular e Polêmica**. Curitiba: Appris, 2018.
- GUBER, Rosana. **Por que Malvinas: de la causa naional a la guerra absurda**. Buenos Aires. Fondo de Cultura Econômica,2012.
- JORNAL CLARÍN. 1 jun. 1982 a 15 jun. 1982. N.13031-13.045.
- KOHAN, Martín. **Dos veces Junio**. Buenos Aires: Delbolssilo, 2016.
- NOVARO, Marcos. **Historia de la Argentina:1955-2010**. Buenos Aires. Siglo Veintiuno Editores, 2011.
- NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **História Argentina: la dictadura militar 1976-1983: del golpe de Estado a la restauración democrática**. Buenos Aires: Ed. Paidós,2013.
- POLLACK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos históricos. , v.2, n.3, Rio de Janeiro:FGV,1989.
- REVISTA EL GRÁFICO. 1 jun. 1982 a 15 de jun 1982.
- SCHER, Julián. **Los desaparecidos de Racing**. Buenos Aires. Grupo Editorial Sur, 2017.
- URLANOVSKY, Carlos. **Paren las rotativas (1970-2000). Historia de los medios de comunicación en Argentina**: Buenos Aires, 2005.